

**Resumo** Com este artigo pretende-se, no âmbito do projecto *Rede de Mulheres 25 anos Depois*, contribuir para o registo de uma experiência-piloto de trabalho em rede, feita por mulheres, no início dos anos 80, em Portugal. Este projecto é a primeira fase de um programa transnacional de investigação-acção sobre a liderança das mulheres.

**Palavras-chave** liderança, poder, trabalhar em rede, discriminação.

### A «história»

O projecto *Rede de Mulheres 25 anos Depois*, iniciativa do *Graal* co-financiada pela CIDM (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres), é um projecto de investigação-acção a partir da «história»<sup>1</sup> da *Rede de Mulheres*, que mobilizou na sociedade portuguesa, entre 1980 e 1986, cerca de 500 participantes. A *Rede* teve como impulsionadora principal a Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo e estruturou-se em 15 distritos do país, a partir de contactos com mulheres que se cruzaram com ela durante o V Governo Constitucional e integraram o núcleo dinamizador da *Rede*.

Várias mulheres do *Graal* pertenceram ao núcleo dinamizador. Das quatro responsáveis pelo presente projecto, três constituíram o grupo editor da publicação da *Rede*, intitulada *Rede e Nó(s)*, da qual saíram dez números entre Março de 1981 e Junho de 1985.

Quando a *Rede* começou, já havia um terreno fértil para lançar o desafio. A partir de 1977, participei na cidade do Porto, por exemplo, num dos *Grupos de Falar* em que se juntaram mulheres profissionais para pensar o *ser mulher*, ou usando as palavras de Maria de Lourdes Pintasilgo no seu livro *Os Novos Feminismos*:

Várias mulheres tentaram responder à crítica de Jacques Lacan, segundo a qual as mulheres não sabem o que de si sabem e, por isso, nada dizem sobre si próprias. Algumas delas deram uma resposta no interior do discurso psicanalítico, outras a partir da sua própria experiência (Pintasilgo, 1981: 59).

1 «História» no sentido de uma narrativa com a qual determinados colectivos «interpretam, desde as suas origens, a sua existência e encontram e reforçam a sua identidade» (Nijk, 1978, citado em Koning, 1986: 832).

Era isto que tentávamos fazer, partilhar a nossa experiência de mulheres, descobrir quem éramos através do saber dizer *eu* e *nós*. Grupos deste tipo tinham proliferado em todos os países industrializados do mundo ocidental. As mulheres tentaram sair da «prisão conceptual e linguística» (Pintasilgo, 1981: 59), construída e mantida de pé através da versão dominante da(s) *história(s)* sobre a vida e o «mundo» das mulheres:

O que se imagina que as mulheres dizem situa-se no interior do universo que lhes é dado. (...) Continuarão as mulheres prisioneiras das palavras e conceitos que lhes foram dados? (Pintasilgo, 1981: 59).

Estávamos inseridas na corrente internacional dos *Novos Movimentos de Mulheres*. Quando a *Rede de Mulheres* surgiu, «provocou muitas suspeitas e reacções em diversos sectores partidários, o que levou um grupo de mulheres envolvidas a vir a público explicitar os objectivos» (*Jornal de Notícias*: 31-10-81). Enquanto trabalhar *em rede* é uma prática «normal» no ano 2005, em 1981 «metia medo», não apenas por supostas razões políticas. Era suspeito por ser uma rede de mulheres. Maria de Lourdes Pintasilgo veio ao semanário *Jornal dizer*, «numa entrevista exclusiva», que «as mulheres são já de facto uma força colectiva» (*O Jornal*: 30-10-81). «Quem tem medo de quem?», pergunta o *Diário de Lisboa* (30-10-81). A *Rede* deu uma conferência de imprensa no Porto, da qual transcrevo uma parte do que foi publicado no *Jornal de Notícias*:

Referindo-se a ataques de que o movimento tem sido objecto ultimamente, por parte de certa imprensa, o comunicado frisa que, desde o 25 de Abril, as mulheres deram passos significativos no sentido da sua dignificação, pelo que «não se deixam hoje aviltar por discursos ridicularizantes dos que querem entravar a sua união e dignificação». «Elas sabem o que querem – acrescentam ainda – e vão lenta mas pacientemente descobrindo o que querem e os caminhos para lá chegar, porque a solidariedade que as une, para além das diferenças de partido, de religião ou de casta, são muito, muito fortes». Considerando que esses ataques são um atropelo a um direito que o 25 de Abril e a Constituição da República Portuguesa conferem a qualquer grupo de cidadãos, sejam eles homens ou mulheres (o direito de reunião), as mulheres da *Rede* escrevem, a dado passo: «Atacando esse direito, é a democracia e a liberdade que visam, é a auto-organização que estão a pôr em causa, é a organização autónoma das mulheres que parecem querer impedir, fechando os olhos à situação desfavorecida e difícil que elas vivem ainda no Portugal de 1981» (*Jornal de Notícias*: 31-10-81, in *Rede e Nós(s)*, Nov. 1981).

A *Rede* esteve activa até 1986. Desintegrou-se após a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo às eleições presidenciais.

## O projecto

O projecto *Rede de Mulheres 25 anos Depois* foi concebido em Maio de 2004, pouco tempo antes da súbita morte de Maria de Lourdes Pintasilgo. Ela ainda teve conhecimento do seu conteúdo, mas já não da aprovação do pedido de co-financiamento feito pelo *Graal* à Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres (CIDM). Estava entusiasmada com este projecto.

*Rede de Mulheres 25 anos Depois* tem duas fases. O pedido de co-financiamento para 2004 incide sobre a primeira fase, em que os objectivos gerais visam um projecto de investigação-acção para fazer a memória da *Rede de Mulheres* e, assim, contribuir para a história das mulheres em Portugal, no âmbito dos Estudos sobre as Mulheres, ao mesmo tempo que se propõe analisar os avanços e os retrocessos na vida das mulheres na sociedade portuguesa, neste intervalo de 25 anos.

Fez-se uma pesquisa documental sobre o material produzido no âmbito da *Rede de Mulheres* entre 1980 e 1986, realizaram-se quatro entrevistas de grupo com um total de 26 ex-participantes da *Rede* dos distritos do Porto, Viana do Castelo e Braga, Aveiro e Coimbra. A temática central das entrevistas foi «poder e tomada de decisão nas várias esferas da vida das mulheres». Procedeu-se à transcrição das entrevistas, que estão a ser analisadas pela equipa do projecto. Serão elaborados «textos-desafio» a partir do material recolhido e formuladas novas questões que servirão para um questionário dirigido a mulheres de gerações mais jovens.

O caderno «*Rede de Mulheres 25 anos Depois. Com Maria de Lourdes Pintasilgo*» será o resultado final da primeira fase e conterá um suporte metodológico para facilitar a sua utilização em sessões de *conscientização* de mulheres.

Numa segunda fase, o projecto poderá ser ligado ao programa *Literacia-Mulheres-Liderança* da Fundação *Cuidar o Futuro*, criada em 2001 por iniciativa de Maria de Lourdes Pintasilgo e da qual o *Graal* é fundador. São finalidades gerais deste programa

- Aprofundar e «re-fundamentar» o trabalho de liderança na perspectiva de uma *ética do cuidar*;
- Criar novos laços sociais e trabalhar «em rede» para melhorar a *qualidade de vida*, tanto em contextos de trabalho profissional, como em contextos de vida pessoal e cívica;
- Fomentar parcerias no contexto europeu e mundial.

## Janeiro 2005: primeiro andamento em construção

A equipa do projecto começou por enviar uma carta a ex-participantes da *Rede*, convidando-as para uma entrevista de grupo. Na carta levantavam-se algu-

mas questões: «Como vivemos os avanços e recuos ao nível da nossa participação na sociedade? Sentimo-nos hoje menos «oprimidas,» mais libertas, livres? Estamos em lugares de tomada de decisão e de liderança? Somos mais felizes? Conseguimos contribuir para a construção de um mundo menos injusto? Em que contextos?»

Nessa mesma carta, lembrámos algumas das palavras de Maria de Lourdes Pintasilgo, que escreveu, em Março de 1981, no primeiro número da *Rede e Nós(s)*:

O que está em questão hoje é a confirmação mútua das mulheres naquilo que estão fazendo, é a afirmação de que as mulheres são, de facto, uma força colectiva. As mulheres são pilares efectivos de aspectos fundamentais da vida social, cultural e económica do país. É urgente que a sua presença seja socialmente reconhecida.

A partir dos textos produzidos pela *Rede*, foi elaborado um guião com possíveis perguntas para as entrevistas de grupo, nesta primeira fase do projecto:

As mulheres são uma força colectiva? Que experiências temos?

As mulheres ainda são um grupo oprimido?

Será que ainda se justifica haver grupos de mulheres?

O que fazer para que um problema que aparentemente parece dizer apenas respeito às mulheres (manter a família como sustentáculo da sociedade) possa ser considerado um problema global da sociedade?

Como identificamos aquilo que é a nossa vida de cada dia – como algo eminentemente político, como algo que está ligado à organização da cidade?

O que tem feito a mulher daquilo que conquistou – acesso ao voto, à educação, a novas carreiras, à gestão do seu próprio corpo?

Como vivemos o trabalho nas suas várias facetas?

Que experiências de poder temos?

Como lidamos com o poder?

Como assumimos responsabilidades que implicam «mando», liderança?

Que tempo(s) e espaço(s) temos para realizar aquilo que achamos importante ou que nos dá gosto?

O que transmitimos às novas gerações de mulheres?

O balanço feito pelas gerações que deram vida à *Rede* é menos optimista do que podíamos supor há 25 anos. Estamos a analisar os textos na perspectiva de uma compreensão politizada, como defende Maria José Magalhães no seu artigo «Em torno da definição do conceito de *agência* feminista»: «A compreensão politizada (...) é o cerne da *agência* feminista, no sentido de ter em conta os diferentes níveis de desvantagem, desigualdade e opressão de mulheres (...)» (Magalhães 2002: 195).

### Textos em contextos

Para dar apenas uma impressão das muitas coisas que foram ditas nas entrevistas seguem-se alguns excertos que denotam, por um lado, diferentes níveis de desvantagem e opressão, por outro, apontam para o que seria importante fazer. São passagens transcritas integralmente da linguagem oral.

#### Da entrevista de grupo no Porto:

Há 25 anos, sim, as mulheres chegaram a ser uma força. Quando recebi a carta a convocar-me para esta reunião, lembrei-me de uma mulher de um meio social extremamente carente que contou, numa das reuniões da Rede de Mulheres, o que ela e outras mulheres do seu bairro fizeram para conseguirem água. Fiquei a ouvi-la perfeitamente seduzida porque era uma mulher sem qualquer formação escolar. Lembrei-me também das corticeiras de Lourosa, que foram, nessa altura, uma força colectiva. Não creio que hoje o sejam.

As mulheres tornaram-se visíveis, são as janelas das faculdades, aparecem a falar todos os dias, estão em toda a parte. As sociedades, no entanto, evoluem muito devagar. Os jovens começam a partilhar tarefas, mas noto que há um manto de silêncio sobre a opressão das mulheres que actualmente se confrontam com a multiplicação de tarefas profissionais e familiares.

Aquilo de que tirei mais proveito, mesmo ao nível pessoal, das nossas reflexões na *Rede de Mulheres* foi termos posto em causa muita coisa que estava profundamente interiorizada, até tradições, o que nos levou a alterar muito o nosso quotidiano. O mais importante foi o que mudei no meu quotidiano. Por isso acho que faz todo o sentido, neste momento, procedermos a reflexões semelhantes com mulheres jovens. Discutir com elas as razões de tanta competição, de tantas horas no mundo do trabalho. Questionar a sociedade e muita coisa que já entrou na rotina. Ver como alterar o quotidiano das pessoas, fazer ver outros valores.

O exercício do poder como nós o desejaríamos não é espontâneo. Se não agirmos, nada de novo surgirá. Nas sociedades actuais, muito complexas, há diversidade e difusão dos poderes. A arte das mulheres estará em agarrar esse poder difuso e, com estratégias bem definidas, conseguirmos grandes poderes para alterar muita coisa.

#### Da entrevista de grupo em Viana do Castelo:

Tenho a impressão que as mulheres estão muito acomodadas. Conheço muitas, no entanto, que, se forem chamadas a intervir, conseguem movimentar outras e pô-las a reflectir. Nos debates públicos, aqui em Viana, sobre saúde ou segurança, as mulhe-

res aparecem, mais dos que os homens. Mas quando é preciso actuarem, fazerem abaixo-assinados, sentem-se acanhadas, mesmo algumas das que estiveram ligadas a movimentos políticos. As pessoas não têm consciência da força que adquirem quando agem colectivamente. Estão muito desiludidas.

As mulheres continuam a ser um grupo oprimido, mesmo no local de trabalho – se é preciso escolher alguém para ocupar determinado cargo, em pé de igualdade, é o homem que é escolhido. Quando se vai para uma reunião e é preciso tomar uma determinada posição, considera-se que é melhor que seja um homem, porque se for uma mulher não consegue impor-se como imagem. As mulheres nos partidos políticos são tidas como *bibelots*. Só as incluem nas listas pela questão das cotas.

O tema do consumo, que há 25 anos se discutiu na *Rede de Mulheres*, também tem a ver com a organização da sociedade, e esse salto é que ainda ninguém deu. Mesmo as pessoas mais esclarecidas e mais comprometidas não conseguiram dar o salto para uma sociedade mais simples, que prescindia de um conjunto de coisas supérfluas e que permita canalizar as energias para o essencial e para aquilo que as possa tornar felizes.

As mudanças que nós, mulheres, queremos, são mudanças muito profundas, concretamente ao nível das questões económicas. Isto é política. É preciso fazer um esforço para marcarmos presença e termos voz activa. É importante a intervenção e o poder das mulheres na política, isto é, a participação na polis, na mudança das questões da cidade.

### Da entrevista de grupo em Coimbra:

Temos de concordar que houve um caminho para a mulher. A nossa situação é hoje muito diferente, porque temos autonomia financeira, podemos ficar com 1 filho ou com 2 e aguentamos a educação deles. Há que reconhecer também a diversidade de modelos de famílias – as monoparentais, as homossexuais – enfim, encontramos uma diversidade de situações que são diferentes de há 30 anos para cá. Mas, a que custo é que nós estamos em lugares de chefia? O que atingimos foi a que custo?

Eu acho que estamos num momento de procura, a própria mulher está à procura de criar um caminho que não seja apenas uma imitação da forma de estar do homem. Não quer dizer que não haja mulheres que não tenham feito a sua trajectória política, mesmo a nível internacional, mas serão provavelmente excepções. As outras têm de se introduzir num esquema que foi fundamentalmente feito para homens, nomeadamente no que se refere à família. E hoje há um forte empenho, da parte das mulheres, em não abdicar do seu percurso profissional que coexiste com várias limitações, muito especialmente com a questão da família.

Por isso eu pergunto: quem somos nós, queremos que esta rede de mulheres volte a revitalizar-se? Será que, de facto, as gerações mais novas sentem essa necessidade? Se calhar não sentem, se calhar é por causa da cultura do descartável. Há muita gente para quem é o dia-a-dia que conta, mais nada. Talvez seja excesso de Internet e de mensagens de SMS, que distraem alguns jovens de questões mais essenciais.

Aparentemente tudo muda muito depressa, é preciso estar sempre atento e actuante. Sinto que estamos numa grande encruzilhada, de procura em geral no mundo, sobretudo no âmbito político, mas também no campo da mulher, que aparentemente não está tão ligada à transformação desse mundo e, por isso, se calhar está mais solta e disponível para intervir.

### Da entrevista de grupo em Ovar:

Mulheres (da ex-*Rede*) com quem continuo a falar dizem-me que a sua libertação, afinal, não lhes permite aceder aos seus direitos. Com o aumento do desemprego e as fábricas a fechar, quem mais sofre são as mulheres. E o facto de haver tanto desemprego faz com que as coisas comecem de novo a retroceder, porque as mulheres ficam sujeitas ao salário do marido, ficam mais tempo em casa, subjugadas à vontade do marido. Essa situação faz com que se sintam mais oprimidas.

Há aqui um problema de horas extras que ninguém imagina o que isso é. Algumas mulheres ficam a fazer horas extras ou, então, vão a correr para casa tratar das coisas, e ficam os maridos. Eles chegam a casa tarde, atrapalham..., porque as pessoas levantam-se às 6 horas da manhã, ou mais cedo, para fazer o jantar adiantado... isto é tudo uma correria, não há tempo para o amor, não há tempo para amar, não há tempo para nada, é tudo telecomandado, como se comanda a televisão, é uma coisa horrível. E depois a gente fica de tal maneira viciada, telecomandada, que estamos a fazer isto e já estamos a pensar naquilo, e de repente já estamos a voar e sentimo-nos telecomandados como quando se pega no comando da televisão e se muda de canal. Trabalha-se muitas horas, depois há a ameaça de, se não fizeres horas extra, no próximo despedimento poderes ser uma delas. É uma ameaça, uma pressão de tal ordem às pessoas... Horrível! Agora é: trabalha-se quando os patrões querem e, quando eles não querem, não se trabalha. As pessoas não podem ir ao sindicato porque estão a ser vigiadas, é o sindicato que vai às fábricas, mas também é difícil, porque estão a ser vigiadas.

A rapariga do sindicato vai para a porta da fábrica entregar os papéis, as empregadas, para poderem pegar nos papéis, olham para a direita, olham para a esquerda, olham para trás, olham para a frente, para verem se podem pegar no papel; se puderem, pegam, se não puderem, não pegam. É muito difícil... para quem tem filhos a estudar, os carros para pagar.

## Vozes

Termino com as vozes de duas mulheres. Uma, do distrito de Viana do Castelo, teve uma vida profissional intensa como enfermeira. Relata uma situação que coloca muitas questões às mulheres que, depois de terem educado os filhos, estão agora com a tarefa de cuidar dos netos:

Sou uma avó de 70 anos que, para ajudar uma filha, teve de abdicar de muita coisa que gostaria de fazer neste momento. O marido vai todos os dias trabalhar para Ovar, sai de casa às 7 horas da manhã e entra às 8 e meia da noite, a minha filha é vendedora, calcorreia aqui o distrito todo, porque a sede da fábrica para onde trabalha é perto do Porto. Tem dois filhos, um com 10 anos, outro com 8 meses, e a avó, que gostava muito de pintar, de bordar, de ler, de vir a reuniões, de conversar, não pode sair de casa para tomar conta dos netos. A filha tem de trabalhar, o genro tem de trabalhar, e eu não queria pôr o bebé num infantário, tirá-lo do ambiente de casa. E, então, sou eu que tenho de ficar com ele o dia inteiro. Ao sábado estou de folga, é por isso que estou hoje aqui.

Eu não me importo de ajudar, mas é um bocado frustrante, às vezes, porque tenho de me privar de muita coisa. Não tenho espaço para nada. O menino chega-me a casa às 9 da manhã, eu fazia a minha caminhada diária para andar um bocadinho, punha-me a pé às 7 e meia da manhã para ir um bocadinho à praia andar, para às 9 horas estar a tomar conta do menino, até à hora em que a mãe possa chegar, que é as 6 horas, ou 7.

A segunda voz é de uma mulher operária, que foi sindicalista e que participou no encontro de Ovar:

Eu vou dizer por que é que as pessoas estão desiludidas, e esse caso está a passar por mim. Antes do 25 de Abril nós não sabíamos nada, tínhamos os olhos tapados, não sabíamos como lutar. Hoje temos conhecimentos, mas deparamos com pessoas que nos dão a volta com uma pinta..., que nos deixam tal e qual como antes do 25 de Abril!

Democracia não há nenhuma! Vejo isso nas minhas lutas, e ainda tenho alguma vitamina porque me vou alimentando aqui e acolá, porque se não já tinha desanimado, porque a gente sente-se tão pequeno, tão impotente perante aqueles que deviam defender a lei que nos protege e, afinal, não nos defendem... Isto começa a levar realmente ao isolamento, ao comodismo.

Eu ainda continuo a ver uma esperança, mas é uma esperança pequenina. Às vezes pergunto-me a mim mesma: «Afinal, Luísa, de que é que te valeu esta sabedoria toda? De que é que te valeu saberes isto, saberes aquilo, saberes como lidar, saberes como ir, se não consegues nada?»

Hoje, de facto, é um dia triste. Às vezes temos isto em nós, que me leva a pensar «quando eras analfabeta eras mais feliz, porque não sabias nada». Eu não concordo com isto, atenção!

## Referências Bibliográficas

- Koning, Marijke de (1986), «Da palavra à acção: história de um processo de conscientização de mulheres», in *Análise Social*, vol. XXII, n.º 92-93, pp. 825-852.
- Magalhães, Maria José (2002), «Em torno da definição do conceito de *agência* feminista», in *ex æquo*, n.º 7, pp. 189-198.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1981), *Os Novos Feminismos. Interrogação para os Cristãos?*, Lisboa, Moraes Editores.

## Abstract

### Women's Network 25 Years Later

This article is about the beginning of an action-research project called *Women's Network 25 Years Later*. The intention is to contribute to the writing down of the «history» of a pilot experience of networking among women's groups in Portugal in the early eighties. The project is part of a transnational research program on women's leadership.

**Key words** leadership, power, networking, discrimination.

## Résumé

### Réseau de Femmes 25 Années Plus Tard

Il s'agit, dans cet article, d'un projet de recherche-action, intitulé *Réseau de Femmes 25 Années Plus Tard*, qui se trouve dans une phase initiale. On prétend enregistrer une expérience pilot de travail en réseau des groupes de femmes au début des années 80 au Portugal. Le projet constitue la première phase d'un programme transnational de recherche sur le leadership des femmes.

**Mots-clés** leadership, pouvoir, travailler en réseau, discrimination.

**Marijke/Maria Helena de Koning** formou-se na Holanda em Pedagogia Social e Andragogia e obteve o grau de Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto. É docente na Escola Superior da Educação do Porto e coordenadora do programa *Literacia Mulheres Liderança da Fundação Cuidar o Futuro*.

Artigo recebido em Janeiro de 2005 e aceite para publicação em Outubro de 2005.